

ASPECTOS METODOLÓGICOS DA ARTICULAÇÃO ENTRE ÉTICA E ESTÉTICA NA FILOSOFIA DE SCHOPENHAUER

METHODOLOGICAL ASPECTS OF THE ARTICULATION BETWEEN ETHICS AND ESTHETICS IN SCHOPENHAUER'S PHILOSOPHY

ANERSON GONÇALVES DE LEMOS¹

Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) – Brasil
anersonlemos@hotmail.com

RESUMO: O presente artigo tem como tema a relação entre a ética e a teoria estética de Schopenhauer. Analisaremos essa questão buscando explicar os aspectos metodológicos envolvidos no processo de aproximação e comunicação entre esses âmbitos, examinando a discussão em alguns teóricos e nas obras do filósofo. Daremos os seguintes passos: em primeiro lugar, evidenciaremos o papel preponderante da ética no sistema filosófico de Schopenhauer, mostrando que ela é uma importante referência para as demais questões tratadas por ele, inclusive para a discussão estética; em segundo lugar, mostraremos que a postura metodológica do filósofo se reflete na importância conferida por ele às artes e nas singularidades de sua estética, que, por sua vez, facilita a aproximação entre filosofia da arte e ética; finalmente, demonstraremos que a ontologia constitui um componente articulador do pensamento de Schopenhauer, revelando que, em alguns aspectos, a sua estética pode ser compreendida como uma preparação para a ética.

PALAVRAS-CHAVE: Ética. Estética. Ontologia. Aproximação e articulação.

ABSTRACT: *The topic addressed in this paper is the relation between Schopenhauer's ethics and esthetical theory. The analysis of this issue is an attempt to explain the methodological aspects involved in the process of approximation and communication between these spheres, by examining the discussion about this topic in both some theorists that have studied Schopenhauer's thought and the works by the philosopher. We will take the following steps: first, we will evidence the prevailing role of ethics within Schopenhauer's philosophical system, by showing that it is an important reference to the other issues that he approached, even to the esthetical discussion; second, we will show that the philosopher's methodological posture is reflected on both the importance he gave to the arts and the singularities of his esthetics, which, in turn, facilitates the approximation between philosophy of art and ethics; finally, we will demonstrate that ontology is an elements of articulation of Schopenhauer's thought, thus revealing that in the some aspects it can be understood as a preparation for ethics.*

KEYWORDS: *Ethics, Esthetics, Ontology, approximation and articulation*

¹ Doutorando em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

INTRODUÇÃO

Entre os vários temas discutidos por Schopenhauer e algumas das características marcantes da sua filosofia, dois aspectos claramente destacam-se: um deles é a importância que ele dá às questões morais – o que faz com que suas reflexões sejam reconhecidas, sobretudo, por sua concepção determinista do ser humano e por sua apreciação pessimista sobre o valor existencial; o outro é a grande importância e o significado conferidos por ele à experiência estética – o que talvez explique a extraordinária influência de seu pensamento entre os escritores e artistas modernos e contemporâneos.

Esses dois aspectos, que, enquanto análises específicas, parecem questões isoladas, no pensamento de Schopenhauer, encontram-se aproximados. Não são poucas as ocasiões em que, na leitura da sua estética, nos deparamos com questões que são notadamente referências para sua discussão sobre moralidade. Para ilustrar com exemplos essas ocorrências, podemos citar o fato de que, na estética da literatura, Schopenhauer nos diz que a não manutenção de determinados traços de caráter de uma personagem compromete a beleza de uma obra literária, da mesma forma que uma sombra falsa deturpa uma pintura; outro exemplo é a sua descrição do caráter sublime na poesia, que coincide com nobreza do caráter no âmbito moral, ou ainda, quando ele sugere que a assunção de determinado ponto de vista moral pelos tragediógrafos pode ser considerada um critério determinante para o valor estético de suas obras.

Essas e outras questões são exemplos inequívocos da presença de elementos morais na análise que Schopenhauer faz do belo. Isso, portanto, confirma a aproximação e o entrelaçamento entre âmbito moral e estético, de forma que poderíamos dizer que essa relação, da maneira como acontece, representaria um terceiro aspecto marcante da sua filosofia.

Neste texto, dedicar-nos-emos a analisar alguns dos aspectos que contribuem para explicar essa singular aproximação e entrelaçamento entre a ética e a estética no pensamento de Schopenhauer. Investigaremos sobretudo os aspectos metodológicos que estão na base desse movimento que relaciona esses dois âmbitos, mostrando que esses procedimentos revelam uma concepção peculiar de metafísica, que, ao mesmo tempo em que busca conhecer o real de um ponto de vista da sua essência, o faz no sentido de buscar um significado moral do mundo e da existência humana a partir de uma interpretação das diversas experiências de conhecimento. Ou seja: conhecimento da natureza, do belo, do ser humanos e suas relações, entre outros. Nesse sentido, mostraremos que o caráter metafísico das investigações filosóficas em Schopenhauer, sincronicamente, garante uma unidade na sua exposição, conduz a investigação na direção de uma explicação moral e confere um novo estatuto à sua estética, no caso dessa última, abrindo assim espaço para a abordagem de temas éticos.

Inicialmente mostraremos que o método de investigação schopenhaueriano – interpretado aqui como uma “hermenêutica da existência” – engendra uma imbricação entre a metafísica e a ética, a qual confere uma superioridade às

questões de ordem moral em relação aos outros problemas analisados por ele, fazendo com que, de maneira geral, suas reflexões sejam conduzidas a confluir para uma ética. Dessa forma, propomos que essas questões funcionam como fio condutor de suas reflexões, que perpassa os principais temas por ele analisados, aproximando e entrelaçando os âmbitos estético e ético.

Em um segundo momento, a partir de um olhar para estética schopenhaueriana, mostraremos que ela possibilita uma aproximação com a ética por estar inserida em determinadas concepções epistemológicas e metodológicas de seu autor, que a desenvolve como mais uma entre as facetas de sua metafísica. Isso justifica a extraordinária importância conferida por ele à filosofia da arte e, ao mesmo tempo, proporciona a abertura desse campo de análise para abordagem de questões éticas, uma vez que a estética se torna, assim, um campo privilegiado de análise e interpretação de algumas questões filosóficas. Isto é, a teoria estética de Schopenhauer é valorizada não somente como uma análise exclusiva da arte e do belo, mas como uma discussão que favorecer a abordagem dessas questões cruciais da sua reflexão, quer dizer, como uma perspectiva a partir da qual se pode lançar luz sobre elas.

Fecharemos essa análise examinando outra característica fundamental da metafísica schopenhaueriana, a saber, o fato de que ela também pode ser interpretada como uma ontologia, a qual articula todo seu sistema. Explicitaremos algumas características dessa ontologia de acordo com cada etapa do itinerário do seu desenvolvimento, enfocando, sobretudo, o seu reflexo na estética. Dessa forma, mostraremos que essa ontologia se inicia na metafísica da natureza, representa uma referência importante na estruturação da metafísica do belo e culmina na discussão sobre a moralidade. Ou seja, explicaremos a partir de uma visão geral da metafísica de Schopenhauer, que a presença de alguns temas morais na sua estética constitui uma etapa intermediária ou preliminar de exposição, a qual se articula e se esclarecem plenamente de um ponto de vista ético.

I A ÉTICA COMO *LEITMOTIV* DA REFLEXÃO FILOSÓFICA SCHOPENHAUERIANA

Uma das características mais enfatizadas por Schopenhauer em relação ao conjunto de suas reflexões é a unidade de seu pensamento. A despeito dos diferentes temas por ele abordado, ele se refere à sua obra como a expressão de “um pensamento único” (*ein einziger Gedanke*).² Essa característica emblemática da sua filosofia implica principalmente que ele compreende a sua própria obra segundo uma profunda relação entre as suas partes estruturantes, em que cada

² Schopenhauer menciona essa característica fundamental da sua filosofia no prefácio de *O mundo como vontade e representação*. Ele escreve: “Quando se leva em conta os diferentes lados desse pensamento único a ser comunicado, ele se mostra como aquilo que se nomeou seja Metafísica, seja Ética, seja Estética” (SCHOPENHAUER, WWV I/MVR I, p. 19). A clara ideia de uma unicidade do pensamento, apesar da quadripartição (epistemologia, ontologia, estética e ética) necessária à exposição, reforça a íntima conexão entre a ética e a estética schopenhaueriana, o que pretendemos explorar.

uma delas tende a contribuir de forma recíproca para com as demais, no sentido de tornar mais compreensível o sistema como um todo.

Essa comunicação entre os diversos âmbitos de análise filosófica é uma das questões fundamentais para compreendermos o movimento de aproximação entre a ética e a estética no pensamento de Schopenhauer, uma vez que ela está assentada em sua concepção ontológica que supõe que a realidade se constitui de uma mesma essência, para a qual é possível olhar de diversas perspectivas. Por isso, ele claramente não pretende que os campos de investigação em que estrutura sua exposição sejam estanques; muito pelo contrário, sua intenção é que as diversas explicações estejam entrelaçadas e se complementem mutuamente.

Se a ideia de aproximação e articulação entre ética e estética é algo que pode ser facilitado pela compreensão da dinâmica de elementos fundamentais da filosofia de Schopenhauer, ou seja, se essa ideia se esclarece ainda mais pela explicação da forma como é conduzido a articulado o seu sistema, então, isso é algo que podemos encontrar de maneira mais imediata e fácil de explicar analisando as bases gerais da sua obra magna: *O mundo como vontade e representação*.³ Isso porque ele a tem como a obra estruturante de sua filosofia.

Enquanto estrutura geral, essa obra constitui-se de quatro partes fundamentais ou, como o próprio filósofo refere, quatro “livros” em um, dispostos como: *epistemologia, ontologia, estética e ética*.⁴ Essa disposição de temas aqui é importante não somente porque nos dá uma referência dos âmbitos macros de desenvolvimento do pensamento de Schopenhauer, mas, sobretudo, porque indica algo fundamental da sua concepção filosófica, a saber, o fato de que suas análises são conduzidas por uma direção bem definida – a de uma explicação moral. As quatro partes mencionadas acima não são definidas nessa ordem ocasionalmente, tendo sido idealizadas em uma sequência de explanação, de modo a desembocar em uma ética.

Essa tendência, que pode ser identificada já nos escritos da juventude,⁵ ganha muito mais força nas obras da maturidade. Pode-se constatar isso em sua afirmação na introdução ao estudo da ética, no último de livro de *O mundo*, onde ele escreve: “a última parte de nossa consideração proclama a si mesma como a mais séria de todas, pois concerne às ações do homem, objeto que afeta de maneira imediata cada um de nós e a ninguém pode ser algo alheio ou indiferente” (WWV I/MVR I, p. 353).

A compreensão da proposta de Schopenhauer, que dá à ética um papel tão relevante na reflexão filosófica, passa pela explicação do sentido amplo e bastante singular conferido por ele a esse campo de investigação. Grosso modo, a ética schopenhaueriana não se restringe a uma avaliação de condutas, mas propõe-se a

³ Daqui em diante, indicaremos esta obra de Schopenhauer abreviada como “*O mundo*”.

⁴ Concordamos aqui com a interpretação de Magee (1983, p. 163), que classifica as três primeiras partes de *O mundo* como: epistemologia, ontologia e estética. Em relação à última parte, ele a denomina de “*metaphysics of the person*”; entretanto, conservamos a interpretação mais comum, ou seja, aquela que a denomina de “ética”.

⁵ Cf. SAFRANSKI, 2011, p. 222.

ajudar-nos a responder – ou a dar significado a – o que ele pensa serem importantes questões existenciais. A ética, para ele, confunde-se com o papel da própria filosofia, pensada em sentido amplo, uma vez que, enquanto uma forma de explicar metafisicamente a realidade, ela nasce de um “espanto” (*Verwunderung*) diante da existência – espanto que se impõe como uma “necessidade” intelectual, intrinsecamente ligada às questões morais. Sobre isso, ele escreve: “a recém-mencionada índole mais específica do espanto, que impulsiona ao filosofar, nasce manifestadamente da visão do mal e do mau (*des Übels und Böse*) do mundo mesmo” (WWV II/MVR II, p. 209.).

Não seria, portanto, exagero dizer que, para Schopenhauer, a filosofia tem, principalmente, a função de buscar respostas ou significado para nossas inquietações existenciais, as quais se definem também, acima de tudo, como questões morais. Por isso, é fácil observar que as suas mais diversas abordagens encontram quase sempre o mesmo direcionamento, isto é, são conduzidas para discussões éticas, ainda quando parecem mais distantes desse tema.⁶ Isso porque a metafísica – para ele, *caráter por excelência da investigação filosófica* – tem em vista aquela meta principal, ou seja, a significação moral do mundo. Compreende-se, desse modo, por que, para Schopenhauer, a metafísica já nasce, por assim dizer, imbricada com a ética.

Alguns teóricos já observaram o destaque que a ética ganha no pensamento schopenhaueriano; entre eles, são bastante enfáticos: Hüscher, Murdoch e Barboza. Este último não somente destaca tal importância, mas também mostra como ela justifica a presença de questões morais na estética de Schopenhauer. No seu estudo sobre o tema, Barboza (2005, p. 261) dedica uma última seção, “*Parentesco entre estética e ética*”, para analisar a relação entre esses dois âmbitos. Sobre isso, ele escreve: “Schopenhauer considerava o tema da ética o mais crucial, o que em sua obra máxima se evidencia no coroamento de uma metafísica dogmática sim, mas que procura referir as suas sentenças à realidade, à experiência, seja da efetividade do belo, seja da virtude ética” (BARBOZA, 2005, p. 262). Em outras palavras, o que nos diz Barboza é que a ética não somente ocupa um lugar de destaque no pensamento de Schopenhauer, como também, de certa forma, conecta toda a tessitura da metafísica do filósofo e lhe dá sentido, assim fazendo com que todas as outras partes colaborem de vários modos com suas discussões desse campo.

Nesse mesmo sentido, incluem-se também as afirmações de Hüscher⁷ e Murdoch. Esta dirá: “Schopenhauer poderia muito bem nos dizer (como seu discípulo Wittgenstein disse sobre o *Tractatus*) que o livro possui um propósito

⁶ Em duas das obras de Schopenhauer, percebe-se de forma mais tangível a condução sistemática de suas reflexões para questões morais. São elas a sua tese de doutoramento, *Da quádrupla raiz do princípio de razão suficiente*, e a sua quarta obra publicada, *Sobre a vontade na natureza*. Nessas ocasiões, as discussões giram em torno de questões epistemológicas. A primeira discute o conceito moderno de “princípio de razão suficiente”, e a última consiste, sobretudo, em um esforço de conciliar as suas teses metafísicas com as últimas descobertas das ciências naturais da época. Como podemos ver, embora os temas abordados em ambas as obras se distanciem bastante de temas morais, Schopenhauer as conclui com discussões envolvendo a ética.

⁷ Hüscher diz que Schopenhauer “colocou a atitude ética no centro e na conclusão de seu pensamento” (HÜSCHER *apud* CARTWRIGHT 1999, p. 252, tradução nossa).

ético” (MURDOCH, 2013, p. 128). A filósofa irlandesa mostra como, na metafísica de Schopenhauer, há uma aproximação importante entre a ética e a estética ao analisar a recepção da metafísica schopenhaueriana por Wittgenstein. Ela escreve:

Schopenhauer expressa aqui uma definição nova (moderna) do desejo metafísico ou da metafísica (aquela que também seria aceitável a Platão), quando ele fala da nossa natureza finita juntamente com o nosso desejo apaixonado de compreender "o mundo" que tentamos intuir "como um todo". A metafísica pode assim estar conectada a um estado místico. A conexão adequada de Wittgenstein "da experiência externa com a experiência interior", que resolve (ou remove) o enigma é efetivado quando as "duas divindades" (o mundo e o eu) estão em harmonia. Wittgenstein utiliza a ideia da obra de arte, a capacidade de ver o mundo sub *specie aeterni* como um todo limitado, para explicar o que seria essa harmonia. Ética e estética são uma só (*Tractatus*, 6. 421). Assim, a capacidade para ver (ou sentir) depende de manter-se perto da realidade do mundo, aceitando os fatos e seguindo o fluxo da vida. Isso é descrito como "mística". Dentro dos 'limites' da nossa "natureza finita", somos capazes de sentir ou intuir o mundo como um todo, embora não como um todo totalmente compreendido. Estamos em paz com o mundo, como estamos com uma obra de arte. (MURDOCH, 2013, p. 134-135).

Murdoch (2013) mostra que, na condução de uma análise metafísica, com importantes singularidades, que visa a dar conta da explicação da realidade como uma totalidade, claramente motivado por uma indagação sobre o significado moral do mundo, Schopenhauer busca articular suas reflexões como uma unidade. É dessa forma que se conectam os principais campos de reflexão desenvolvidos por ele, tendo em vista que as respostas para questões apresentadas, em algum momento, se articularão com a explicação de natureza ética.

É esclarecedor o que escreve o próprio filósofo alemão em sua obra *Sobre a vontade na natureza*. Ele diz: “apenas aquela metafísica que *já é ela mesma originariamente ética*, sendo construída a partir do seu próprio material, a vontade, é o suporte efetivo e imediato da ética; razão pela qual eu teria muito mais direito de nomear minha metafísica de ‘ética’ do que Spinoza” (N/N, p. 210).

O fato de Schopenhauer considerar razoável poder denominar de “ética” o conjunto inteiro de sua metafísica mostra não somente a inegável relevância desse campo de análise para seu sistema filosófico como um todo, mas também que as questões morais estão muitas vezes em evidência, conduzindo suas reflexões sobre os outros temas abordados por ele. Em decorrência disso, tem-se que os assuntos mais relevantes por ele tratados confluirão para as questões morais e terão, de alguma forma, sua parcela de contribuição para a elucidação daqueles temas quando analisados estritamente. Percebemos isso em relação à estética (um dos temas de maior relevância para nosso filósofo); por essa razão, propomos que essa importância conferida à ética exerce influência sobre a teoria estética, de modo que é possível encontrar elementos da ética que sirvam de referência para discussão sobre o belo nas artes e que, ao mesmo tempo, possam contribuir para a elucidação de questões morais propostas pelo filósofo.

2 A METAFÍSICA DO BELO COMO ABERTURA PARA A ABORDAGEM DE QUESTÕES ÉTICAS

A tendência de Schopenhauer de aproximar a estética da discussão sobre a moralidade é vista enquanto possibilidade e até mesmo como um movimento natural de suas reflexões por alguns dos teóricos da sua filosofia quando enfatizam o caráter singular de seu método de investigação e a conexão entre os campos de investigação por ele divididos. Esses teóricos mostram que o filósofo alemão trabalha com um *background* em que a investigação é feita por meio de uma metafísica imanente, a qual, por não ter um apoio exterior (*transcendente*) para comprovação de suas teses, busca confirmação mediante as várias perspectivas a partir das quais são investigadas. Tais teóricos observam que, na elucidação de vários problemas filosóficos, sobretudo na busca de significados para questões do âmbito moral, Schopenhauer utiliza questões abordadas pela estética e, por meio dela, pelas artes como forma de confirmação daquelas teses. Essa linha de interpretação seguida por alguns de seus comentadores pode ser sintetizada na afirmação de Barboza quando diz: “para levar adiante o seu imanentismo, Schopenhauer faz uso de um jogo de iluminação entre estética e ética, o qual passa por outro tipo de *identidade*, no mundo, dos fatos do belo e da virtude” (BARBOZA, 2005, p. 263; grifo do autor).

O ponto de partida para essa imanência mencionada por Barboza é também uma das questões destacadas por Cacciola (1994) em seu texto clássico: *Schopenhauer e a questão do dogmatismo*. Ela – que menciona uma profunda relação entre o ponto de vista estético e o ético e que dirá que Schopenhauer “moraliza a estética” (cf. CACCIOLA, 1994, p. 164-165) – vê na proposta de uma metafísica imanente uma ampliação do horizonte de interpretação, que é instaurada pelo filósofo por meio do conceito de “Vontade”. Cacciola assinala essa questão da seguinte maneira: “no espaço aberto pela introdução do conceito de Vontade, no sentido que lhe atribui Schopenhauer, impõem-se as diretrizes de uma interpretação da finitude humana como lugar de uma racionalidade intermitente” (Idem, p. 22).

Cacciola (1994, p. 137) enfatiza o caráter imanente da metafísica schopenhaueriana e de suas bases na concepção de finitude humana – ou seja, “sem um recurso possível a qualquer transcendência” – como contrapontos ao dogmatismo moderno, mas também como uma condição de abertura para abordagem de temas em múltiplas perspectivas, o que levará à aproximação proposta por Schopenhauer entre filosofia, arte e poesia (Idem, cf. p. 24-25). Por meio disso, também se fará uma conexão entre filosofia da arte e ética.

Alguns leitores de Schopenhauer veem seu método como uma “hermenêutica” do fenômeno ou existência, enquanto que o próprio filósofo considera que o seu método nos fornece uma visão metafísica das coisas. De qualquer forma, a ideia do método schopenhaueriano parece ser a de explorar nossas experiências nas diversas formas que temos de nos relacionar com o mundo, considerando que este, embora constituído de uma mesma realidade, se revela a partir de diversas facetas. A busca por uma unidade da metafísica, juntamente com a ampliação dos horizontes de abordagens, faz com que nosso

autor veja a função da filosofia, em todos os seus campos de atuação, como sendo “interpretar e explicar o existente, a essência do mundo [...] e trazê-la ao conhecimento distinto e abstrato da razão em todas as relações possíveis e em todos os pontos de vista” (WWV I/MVR I, p. 354).

Nesse mesmo sentido, apresenta-se a leitura de Safranski (2011, p. 383), que chama atenção para o fato de as teses schopenhauerianas serem pensadas segundo o caminho para o esclarecimento do enigma da “coisa-em-si”, que terminava “na imanência mais tenebrosa e espessa: era apenas a vontade conforme percebida pelo corpo”. Com isso, Safranski adverte que a introdução do conceito de *Vontade* (*Wille*) não representa qualquer proposta de saber absoluto, mas somente a referência ao fato de que o mundo existe além da representação e de que a representação – única forma de acesso à realidade – se apresenta como um horizonte que carece de explicação. Daí fica claro por que a busca de resposta a partir desse horizonte teria que ser um recurso à interpretação, e não uma forma de saber positivo.

Por essa razão, Safranski sugere a seguinte interpretação para o método schopenhaueriano: “eu mesmo denominei o procedimento de Schopenhauer para compreender o mundo de dentro para fora, a partir da vontade vivenciada internamente de ‘hermenêutica da existência’ (*Daseinshermeneutik*)”⁸ (SAFRANSKI, 2011, p. 391). É essa “metafísica sem céu”, segundo Safranski, e essa busca de significado para a realidade que impulsionam a filosofia de Schopenhauer, tanto em sua postura, quanto metodologicamente, a procurar novas perspectivas de interpretação. Portanto, Safranski (2011, p. 398) vê a estética como uma dessas vias de investigação encontradas pelo filósofo, assinalando isso a partir da forma como Schopenhauer trata a reflexão sobre o belo: “o conhecimento libertado da vontade, portanto, a autêntica atividade não é outra coisa que uma atividade estética: é a transformação (*Verwandlung*) do mundo em um espetáculo que pode ser contemplado com satisfação (*Wohlgefallen*) desinteressada”.

Aqui Safranski (2011) aponta outro aspecto revelador da filosofia de Schopenhauer nessa discussão, isto é, a valorização das expressões artísticas como um expediente fundamental de compreensão da realidade, o que explica o *status* conferido por Schopenhauer às artes e, conseqüentemente, a proximidade e o vínculo pensados por ele entre artes e filosofia, cujos desdobramentos expomos aqui como um dos aspectos que aproximam ética e estética.

Safranski vê, na postura que explora a produção e a experiência do belo como uma forma de conhecimento, o destaque inédito dado à estética por Schopenhauer. Ele escreve:

⁸ Essa mesma caracterização de “hermenêutica da existência” é sugerida por Birnbacher (2006, p. 177). Outros comentadores também enfatizam os aspectos singulares da metafísica de Schopenhauer que se refletem na sua ética, entre eles: Philonenko (1989), que propõe a interpretação da ética de Schopenhauer como uma “fenomenologia da moral”; e Carvalho (2012), em seu artigo *Schopenhauer: Cosmologia como hermenêutica da Representação*, onde ele explica a noção de interpretação e significação como elementos importantes para a epistemologia e metafísica schopenhaueriana.

Foi Schopenhauer o primeiro a outorgar à estética um valor filosófico assim tão elevado, tal como nenhum outro filósofo antes dele atribuíra. Uma filosofia que não pretende explicar o mundo, mas somente informar a respeito dele, entender o que o mundo realmente é e o que significa, segundo o próprio Schopenhauer, somente se pode originar da experiência estética do mundo. (SAFRANSKI, 2011, p. 398).

Essa hermenêutica da representação (*Vorstellung*) como uma forma de valorização das diversas perspectivas de conhecimento dos aspectos essenciais do mundo e da existência humana reflete-se não somente na valorização da estética enquanto discussão geral da beleza, mas na maneira peculiar como Schopenhauer a concebe. Tal concepção, inserida na proposta ampla de metafísica discutida acima, ajudar-nos-á a compreender o movimento de aproximação dessa discussão com a discussão de questões morais na sua filosofia.

Ela parte do pressuposto de que arte e literatura nos apresentam uma visão privilegiada dos aspectos mais importantes da realidade e que a análises filosóficas delas empreendidas pela estética seriam, portanto, uma das maneiras de explorar essa perspectiva. É isso mesmo que Schopenhauer faz quando trata de questões morais no interior da estética; ele busca explorar a perspectiva singular fornecida pelas artes e pela literatura para interpretar filosoficamente essas questões também a partir desse ponto de vista. Schopenhauer afirma de forma categórica esse pressuposto quando escreve: “não apenas a filosofia, mas também as belas artes trabalham fundamentalmente para resolver o problema da existência” (WWV II/MVR II, p. 71).

A valorização das artes como um lugar privilegiado de exposição de aspectos fundamentais da realidade por Schopenhauer reflete-se em uma postura metodológica assumida por ele no âmbito da filosofia da arte. No entanto, a identificação dessa metodologia específica depende de olhar atento às peculiaridades da estética schopenhaueriana, uma vez que a maioria das questões por ele tratadas ali não tem a ver exclusivamente com discussão de técnicas artísticas, ou com as formas de produção do belo, se pensamos essas questões enquanto discussões restritas ao campo artístico. Embora, em certa medida, todas estas questões sejam tratadas por ele, seu interesse parece consistir, sobretudo, em explorar a partir de uma visão filosófica, determinadas perspectivas da realidade expressas por meio das artes.

Encontramos essa visão peculiar de Schopenhauer em relação à estética claramente defendida em *O mundo*, onde ele deixa claro que a abordagem do belo não teria sentido se pensada como uma disciplina formativa, mas somente com uma função estritamente explicativa (cf. WWV I/MVR I, p. 264-265). Contudo, essa concepção é enunciada mais claramente nas preleções ministradas na Universidade de Berlim, quando ele inicia a discussão sobre o belo esclarecendo o conceito “metafísica do belo” (*Metaphisik des Schönen*), estatuto pelo qual ele diferencia sua concepção de estética da concepção clássica vigente em sua época.

O significado principal desse novo estatuto conferido à estética por nosso filósofo é de que aquilo que se tem em vista nesse campo de análise consiste, especialmente, em uma nova perspectiva de conhecimento, a saber, o belo como uma forma de conhecimento que identificamos como algo presente na natureza ou que é expresso nas artes. A estética seria, assim, o campo da filosofia que se ocuparia com esse domínio singular de conhecimento – algo assinalado por Schopenhauer da seguinte maneira: “consideramos o belo como um conhecimento em nós, um modo especial de conhecer, e nos perguntamos que esclarecimento esse modo de conhecer nos fornece acerca do todo de nossa concepção de mundo” (MS/MB, p. 25).

Schopenhauer (2005, p. 247) considera que a manifestação artística deriva de uma intuição pura da realidade que supera o conhecimento ordinário, isto é, ultrapassa a percepção das coisas enquanto fenômeno, alcançando-as enquanto *Ideia*. Ele descreve essa perspectiva das coisas utilizando a expressão de Spinoza: *sub aeternitatis specie* (do ponto de vista da eternidade), para enfatizar que a percepção do belo e seus afins não são mais um conhecimento isolado e condicionado da realidade, mas que, enquanto *Ideia*, “o mundo como representação aparece pura e inteiramente, ocorrendo a objetivação perfeita da Vontade” (WWV I/MVR I, p. 247).

Assim, para Schopenhauer, aquilo que identificamos como belo na natureza e nas artes corresponde à essência da realidade: a Vontade, que, vista nessa condição privilegiada de manifestação, a revela *para além* de sua forma fenomênica. Esse é o principal sentido de a estética ser denominada por nosso filósofo como uma “*metafísica do belo*”, uma vez que as análises nesse âmbito partem de uma perspectiva superior: a objetivação perfeita da Vontade, que – captada por um intelecto privilegiado – nos leva a transcender a perspectiva aparente⁹ e nos aproxima o tanto quanto é possível do conhecimento das coisas em sua essência.

Percebemos, portanto, que não é a estética ela mesma que nos oferece um saber que pode ser examinado e transmitido; ela se encarrega de explorar o que, de modo extraordinário, nos é oferecido pelas artes. Obviamente que uma das formas pelas quais Schopenhauer explora esse potencial das artes é a estética, que encontra na expressão artística a sua matéria principal. Assim, se, como aponta Schopenhauer, as artes têm algo a dizer-nos sobre as questões mais relevantes da existência, fica fácil compreender a confluência entre ética e estética, pois, segundo ele, essas questões são, em grande parte, questões de natureza moral.

⁹ O conceito de fenômeno, para Schopenhauer, é pensado como sinônimo de aparência, ilusão, ou seja, como o que observado em nossa experiência cognoscitiva mais ordinária (situado no tempo e espaço), em que, em sentido geral, pode ser enquadrado o campo de atuação da física. Daí porque metafísica (literalmente: para além da física) é para ele também uma forma de conhecimento que supera essa perspectiva.

3 A ONTOLOGIA COMO UM COMPONENTE DE ARTICULAÇÃO E A ESTÉTICA COMO EXPOSIÇÃO PRELIMINAR DA ÉTICA

Até agora, examinamos alguns aspectos da metafísica de Schopenhauer que explicam a aproximação entre a sua ética e a estética, para encerrarmos essa discussão analisaremos como se efetiva parcialmente essa aproximação e entrelaçamento daquelas duas áreas. Tendo em vista esse objetivo, examinaremos como a metafísica da vontade, aqui compreendida como uma ontologia, consiste em um processo de elucidação gradual da essência do real, que perpassa os principais campos de análise da filosofia schopenhaueriana. Ou seja, a mostraremos como um processo que se inicia na metafísica da natureza, tem como fase intermediária a discussão estética e só se completa plenamente na ética.

Para esse fim, precisamos olhar novamente para o conjunto da exposição de Schopenhauer, cuja estrutura apresentamos no primeiro tópico. Vimos que ela é apresentada segundo uma quadripartição, da qual a primeira parte é uma epistemologia, que consiste em uma abordagem explicativa a qual se aplica às três partes seguintes, no sentido de analisar os limites e possibilidade de conhecimento enquanto um processo de representação (*Vorstellung*). Ou seja, analisa-se ali as consequências e viabilidades do acesso à realidade de forma mediada e as implicações dela como um modo de conhecimento para elucidação das questões em discussão nas etapas seguintes. Essas questões, por sua vez, podem ser generalizadas como: o conhecimento dos aspectos essenciais da natureza, da experiência e contemplação do belo e a interpretação dos diversos aspectos constituintes do ser humano, de suas condutas e relações intersubjetivas.

Vimos também que as três partes seguintes consistem em: uma *ontologia*, uma *estética* e uma *ética*. As quais são classificadas por Schopenhauer, respectivamente, como: uma *metafísica da natureza*, uma *metafísica do belo* e uma *metafísica dos costumes*. Esse panorama é importante para nos ajudar a entender de forma esquemática a articulação desses campos de análises, uma vez que assim, percebemos que a parte mais substancial da exposição schopenhaueriana se inicia com o desenvolvimento de uma ontologia, tem como componente intermediário a estética e se completa com uma reflexão ética.

É oportuno dizer aqui que o que entendemos especificamente por ontologia é uma acepção da metafísica schopenhaueriana, no sentido de que ela se propõe a explicar as características fundamentais da essência do real, identificados com o que ele denomina de *Vontade* (*Wille*). Seguimos aqui novamente a interpretação de Magee (1997, p 161), que diferencia a epistemologia da ontologia nas abordagens de Schopenhauer como correspondentes respectivamente ao primeiro e ao segundo livro de *O mundo*. Algo que, segundo o filósofo britânico, pode ser compreendido de maneira mais simples pelo fato de que Schopenhauer ter defendido que: “a totalidade do mundo dos fenômenos espaço-temporais, internamente regidos pela causalidade foi a auto-objetivação de uma energia ativa, impessoal, não viva e atemporal que ele chamou de Vontade”. Dessa forma, o segundo livro de *O mundo* consistiria numa ontologia exatamente por corresponder à exposição dos aspectos essenciais do real na natureza, por meio

de seus reflexos nos fenômenos. Como comenta Magee: “essa natureza íntima dos fenômenos observáveis no mundo fenomênico” objetiva-se em quatro graus: “a Vontade que se objetivou ela própria na matéria; a matéria produziu a vida vegetal; a vida vegetal originou os organismos animados; e os organismos animados desenvolveram mentes e personalidades” (MAGEE, 1997, p. 161; tradução nossa).

Algo que precisamos entender para elucidar o processo de articulação acima mencionado é que a ontologia schopenhaueriana não se encerra na parte exclusiva dedicada a ela em *O mundo* – ou seja, o segundo livro da obra. Mas ela perpassa as duas outras partes em uma sequência sistemática de deslinde, que ajuda a integrar o seu sistema como um todo. Vejamos de que forma isso acontece:

Olhando mais de perto a ontologia de Schopenhauer, percebemos que ela se esforça para identificar no mundo natural o que autor considera ser os diversos níveis de objetivação da Vontade. Níveis esses que seriam percebidos a partir das peculiaridades nas formas individuais de manifestação dos seres na natureza, que, como vimos, vão da matéria bruta, passando pelo reino vegetal e animal, até chegar ao mundo humano propriamente dito. Isso mostra que o filósofo chama de níveis de objetividade da vontade, são assim definidos segundo uma sequência em ordem crescente de graus, os quais corresponderiam também, segundo ele, aos níveis de complexidade daqueles seres envolvidos nos fenômenos observados.

Dessa forma, Schopenhauer mostra que, embora haja uma unidade essencial na natureza, esta revela-se a partir de certas singularidades que a diferenciam na condição de fenômenos. Portanto, os aspectos essenciais da natureza poderiam ser identificados segundo certas regularidades, que, em seus níveis mais básico correspondem às diversas reações físicas e químicas, no seu nível intermediário às espécies vegetais e animais e nos seus níveis mais elevados nas características singulares de cada ser humano. Isto é, enquanto “caráter” próprio de cada pessoa, sendo esse o elemento básico da regularidade de suas condutas.

Daí que, para Schopenhauer, o ser humano – como todos os outros aspectos da natureza: dos compostos inorgânicos às mais complexas formas de vida – manifesta-se a partir de características essenciais. Nele, contudo essa singularidade não se apresenta de forma indiferenciada, mas em cada indivíduo, merecendo efetivamente a qualificação de “caráter” ou “caráter por excelência”. Como ele explica: “o caráter de cada homem isolado, em virtude de ser por completo individual e não estar totalmente contido na espécie, pode ser visto como uma Ideia particular” (WWV I/MVR I, p. 224).

Segundo essa ontologia, é a noção de *caráter* que nos insere na natureza como a manifestação de um de seus aspectos essenciais. Esse é também um dos conceitos-chave no estudo da articulação dos diferentes domínios de análises que compõem o sistema filosófico de Schopenhauer. Uma vez que o autor coloca o conceito de caráter na parte final da metafísica da natureza, e ao mesmo tempo, como um elemento importante de suas análises na metafísica do belo e da filosofia moral. Portanto, esse é um dos conceitos por meio dos quais podemos mostrar que, em grande medida, é uma base ontológica que unifica todos âmbitos da

filosofia schopenhaueriana. Nisso consiste também a relevância da análise da noção de caráter para que esclareçamos questões pontuais da vinculação entre a estética e a ética.

Contudo, sobre o conceito de caráter, por hora, é o suficiente mostra-lo como um dos componentes importantes na exposição de uma ontologia que integra todo o pensamento schopenhaueriano. Voltaremos a esse tema mais adiante para mostrar que ele também é um dos conceitos da filosofia moral que estão presentes na estética.

Retomando a discussão sobre a forma como se articulam os domínios mais importantes do pensamento de Schopenhauer, chamamos atenção para o fato de que de acordo com a sua concepção metafísica, teríamos uma essência *una* da realidade. Deste ponto de vista, no esforço de conhecimento do ser, debruçamo-nos sobre o mesmo objeto, em um itinerário que vai da “metafísica da natureza” à “metafísica da moral”. Schopenhauer reafirma essa visão ontológica, não por acaso, no parágrafo que antecede a exposição da sua estética, quando escreve: “assim, vemos aquela filosofia que investigava o macrocosmo, a de Tales, e aquele que investigava o microcosmo, a de Sócrates, coincidirem, na medida em que se prova o objeto de ambas como sendo o mesmo” (Idem, p. 229).

Ao revelar a integração do seu sistema como uma articulação entre a metafísica da natureza e a ética, Schopenhauer atesta a etapa que sucede aquela primeira abordagem ontológica como sendo de grande relevância para o esclarecimento de questões fundamentais da sua metafísica como um todo, uma vez que será ela que nos conduzirá à ética. Nosso filósofo refere-se exatamente à estética, pois, como sabemos, é ela que está colocada entre os dois âmbitos mencionados acima.

Chamamos atenção também para o fato de que na afirmação de Schopenhauer de que, sob o aspecto essencial, há uma coincidência entre o objeto de investigação de Tales e de Sócrates como uma referência a noção de “caráter”, uma vez que, como mostramos acima, do ponto de vista da essência é a expressão do caráter que nos insere na natureza. Em todo esse processo, portanto a ênfase no conceito de caráter é parte do movimento sugerido por Schopenhauer como a dinâmica que nos aproximaria gradualmente do que ele chama de “microcosmo”, isto é, o ser humano e seu mundo próprio, onde se insere a discussão moral.

Do que foi dito até aqui, podemos observar que a metafísica de Schopenhauer se configura como uma exposição em graus crescentes de elucidação do real, que caminha na direção da elaboração de uma ética. Ela sugere, assim, que nesse processo, cada vez que nos aproximamos mais das questões propriamente humanas, ampliamos a nossa compreensão da própria natureza como um todo. Ou seja, é como se estivéssemos investigando o mundo por meio de um instrumento óptico, que, de acordo com as circunstâncias e para enxergarmos com mais detalhes o que está sendo examinado precisássemos trocar as lentes. Contudo, em algumas ocasiões, não são as lentes mais potentes que nos fornecem maior nitidez, mas as intermediárias. Parece ser esse o fato para o qual Schopenhauer chama atenção, quando enfatiza a importância do estágio

intermediário da exposição de sua ontologia, que sugerimos tratar-se da exposição das concepções metafísicas apresentadas na filosofia da arte. Esse seria, portanto, o âmbito por meio do qual direcionaríamos nosso olhar de forma gradual no aprofundamento sistemático de conhecimento da realidade, cujo processo culminará na ética.

Nesse sentido, defendemos a tese de que, em alguns aspectos, a estética de Schopenhauer se apresenta como esse elo intermediário de elucidação do real sob a perspectiva de sua essência. Para confirmar essa interpretação, precisamos examinar como se apresenta nesse âmbito o reflexo da ontologia schopenhaueriana, e como ela ajuda a articular os principais aspectos do seu sistema. Para essa finalidade, lançamos mão da tese de Spierling (2010, p. 111), que interpreta a reflexão estética do filósofo alemão como algo intimamente relacionado ao “significado ontológico do belo”. Spierling reforça a sua interpretação por meio da já mencionada diferenciação proposta por Schopenhauer, que concebe a estética como uma “*metafísica do belo*”, sugerindo que os seus objetos de análises consistem em esforço de compreensão da essência da realidade objetivada por meio da representação, que é identificada em nossa experiência do belo pela noção de *Ideia*, cuja manifestação é expressa nas artes.

Segundo essa perspectiva, a confluência da estética com a ontologia baseia-se na proposta de Schopenhauer de que, do ponto de vista da representação, haveria vários graus de objetivação da essência do real, que vão dos compostos inorgânicos às mais complexas formas de vida, refletindo-se na experiência estética como *Ideias*. Ou seja, como uma forma de conhecimento que mais se aproxima da realidade mesma. Daí a importância do estatuto do conceito de *Ideia* nessa teoria, uma vez que, segundo Schopenhauer (cf. WWV I/MVR I, p. 242), a *Ideia* é o elemento intermediário entre as coisas particulares e a própria essência do real, ela é a “única objetividade imediata da Vontade” ou “a mais *adequada objetividade* possível da Vontade ou coisa-em-si”. Como já mencionamos no tópico anterior, as *Ideias* representariam, sobretudo, a possibilidade de uma forma privilegiada de conhecimento, uma vez que por meio delas é revelado os aspectos mais essenciais do mundo.

Outro componente importante dessa da teoria schopenhaueriana é o fato de que, a despeito da pluralidade de *Ideias*, elas podem ser reunidas segundo uma tríade, que seria composto de: *forças*, *espécie* e *caracteres inteligíveis*; correspondentes em ordem crescente ao que o filósofo propõe ser os diferentes graus de objetivação da vontade.

Todas essas questões envolvendo o conceito de *Ideia*, como parte do que estamos propondo aqui como uma ontologia, refletem-se diretamente na teoria estética de Schopenhauer. Uma das consequências mais claras desse fato está na maneira como são vistas as diversas expressões artísticas analisadas por ele, já que elas são classificadas em diversos patamares, de acordo com seu objeto – ou seja, segundo a *Ideia* correspondente ao grau de objetivação da vontade – constituindo, assim, uma hierarquia, da qual a arquitetura está colocada na base e a poesia no topo.

Vários dos aspectos constituintes da metafísica do belo analisados acima, corroboram com a ideia de que essa disciplina está intrinsecamente ligada com a fase inicial da exposição da ontologia de Schopenhauer, aquela denominada por ele de metafísica da natureza. Assim como percebemos claramente que os conceitos fundamentais desta última estão no background da estruturação da análise do belo proposta por ele. A própria ordem de abordagem dos temas na estética segue a classificação das artes, onde vemos a poesia como um dos últimos temas a serem tratados. Não por acaso, é exatamente na “estética da poesia” proposta por Schopenhauer onde encontramos também a maior abertura para o tratamento de questões morais. Ou seja, verifica-se que essa ontologia, além de atravessar a estética, expressa por meio dela o seu estágio médio que culminará na ética.

Propomos a partir de agora um breve olhar para os aspectos da estética de Schopenhauer que a identificam como a expressão da sua metafísica como um todo, para mostrarmos um dos enfoques que a aproxima da ética. Considerar essa perspectiva, como nos lembra Spierling (2010, p. 115), significa considerar que o belo nas artes para Schopenhauer deve ser interpretado como algo que garante uma realidade mais elevada também pelo seu significado ontológico. Ou seja, há juntamente como uma diferenciação das diversas formas de acesso de realidade, uma qualificação das mesmas. Assim, compreendemos porque, para o autor de *O mundo*, quando se trata de nos apresentar o real, o poeta tem uma função mais significativa do que cientista, quando esse último tem a função de trazer à luz do conhecimento os aspectos essenciais dos níveis mais baixos de objetivação da vontade por meio da explicação dos fenômenos naturais, enquanto que o primeiro o faz em relação aos níveis mais altos: os atos e as relações humanas.

Na estética, Schopenhauer nos diz sobre essa “função” do poeta exatamente em comparação com o papel do químico, ele escreve:

Nos gêneros poéticos mais objetivos, em particular no romance, na epopeia e no drama, o seu fim, a manifestação da Ideia de humanidade, é especialmente alcançado por dois meios: a exposição concebida correta e profundamente de caracteres significativos, e a invenção de situações decisivas nas quais eles se desdobram. Pois, assim como ao químico é obrigatório apresentar de maneira pura e verdadeira não apenas os elementos simples e suas ligações principais, mas também expô-los ao influxo dos reagentes nos quais suas propriedades se tornam distintas e realçadas. (WWV I/MVR I, p. 331).

Aqui fica expresso, entre outras coisas, a integração da metafísica da natureza com a metafísica do belo, uma vez que o cientista referido por Schopenhauer não analisa os seus objetos enquanto Ideia, mas somente enquanto fenômeno. Esse primeiro aspecto (os níveis mais baixos de objetivação da vontade enquanto Ideia) são objetos de exposição do arquiteto. A discussão do conceito de Caráter é bastante significativa nessa abordagem, exatamente porque ele tem um sentido especial nessa integração da ontologia de Schopenhauer, como nos explica na passagem a seguir:

Embora no homem, como Ideia (platônica), a Vontade tenha encontrado sua objetivação mais distinta e perfeita, esta sozinha não podia expressar a sua essência. A ideia de homem, para aparecer na sua atual significação, não podia se expor isolada e separadamente, mas tinha de ser acompanhada por uma sequência decrescente de graus em meio a todas as figuras animais, passando pelo reino vegetal e indo até o orgânico. (Idem, p. 218).

Por meio dessa observação sobre o conceito de caráter, Schopenhauer chama a atenção para a importância do contexto e do exame minucioso de cada uma das etapas da sua ontologia como forma de mostrar o seu significado em toda sua extensão. Claro que esse significado é conduzido pelo *leitmotiv* dessa metafísica, o qual enfatizamos no primeiro tópico. Nesse contexto, há uma ênfase também na relevância do conceito de caráter que, como temos mostrado em vários momentos nas discussões acima, tem um papel na integração da ontologia. Por isso, esse tema aparece como um componente em destaque na estética e como abertura para se tratar ali questões de ordem moral. Nesse caso, a noção de “caráter” expresso pela poesia¹⁰ mostra exatamente para onde se encaminha o último estágio de integração do sistema, e que ele visa a vinculação entre a estética e a ética.

Considerando a relevância da noção de caráter na discussão sobre a imbricação entre a ética e a estética, utilizaremos a abordagem que Schopenhauer faz desse tema na análise do belo na literatura, para mostrar que ele faz uso desse conceito ali como forma de introdução à abordagem minuciosa e definitiva que ele faz do mesmo na discussão sobre a moralidade. Mostraremos esse fato como exemplo, uma vez que não somente em relação a esse tema ele adota esse método, mas também outras questões que são sublinhadas na estética são bastante instrutivas em relação à sua concepção ética. Especificamente sobre a noção de caráter, esse movimento, sutilmente indicado por ele, é identificável em várias ocasiões; uma delas é a sua observação sobre o que ele considera ser o “caráter sublime” (*erhabenen Charakter*), apresentado na estética. Vejamos:

Sim, também ao ético se deixa transmitir a nossa explanação do sublime, a saber, àquilo que se descreve como caráter sublime. Este também se origina do fato de a vontade não ser excitada por objetos que normalmente são propícios para excitá-la; mas, ao contrário, também aí o conhecimento prepondera [...] A sua felicidade ou infelicidade pessoal não lhe abaterá mas, antes, será como o Horácio descrito por Hamlet: *For thou hast been/ As one, in suffering all, that suffers nothing;/ A man, that fortune's buffets and rewards/ Hast ta'em with equal thanks, etc.* (SHAKESPEARE *apud* WWV I/MVR I, p. 280).¹¹

¹⁰ Como enfatiza Magge: “é importante lembrar que quase todos os dramas clássicos produzidos até a época de Schopenhauer foram escritos em forma de verso. Portanto, quando se refere à ‘poesia’, o que ele tem em mente, a menos que especifique o contrário, é o drama. Dessa forma, é o *teatro* que está no topo da sua hierarquia das artes” (MAGEE, 1997, p. 178-179, tradução nossa).

¹¹ Tradução de Jair Barboza: “Fortes como alguém / Que sofrendo tudo, nada sofreu; / Um homem que recebeu equânime / Tanto a favorável quanto a desfavorável fortuna”.

Schopenhauer (cf. P/P, p. 177) analisa essa mesma passagem de Shakespeare na obra *Parerga e paralipomena*, no Capítulo 14, intitulado: *Suplementos à doutrina da afirmação e da negação da vontade de viver*. Todavia – como indica o título do capítulo –, dessa vez, sua análise segue uma perspectiva ética. Ele vê nessa fala de Hamlet uma descrição e elogio ao que ele classifica como “caráter nobre” (*edler Charakter*). Seu comentário sobre o verso de Shakespeare diz o seguinte:

Por isso se entende por que um tal caráter, reconhecendo seu próprio ser também no outro, e assim tomando parte em seu destino, vê a seu redor sempre destinos ainda mais cruéis do que o seu; e assim não pode lamentar o próprio. Já um egoísta sem nobreza, ao contrário, que limita toda a realidade a si mesmo e considera os outros como simples larvas e fantasma, não toma parte em seus destinos, dirigindo sua atenção ao seu próprio. (P/P, p. 177).

A presença desse tema nesses dois âmbitos de discussão demonstra exatamente essa dinâmica usada por Schopenhauer na exposição de seu “sistema” a qual nos referimos acima. Isto é, tem-se uma exposição parcial na estética de algumas questões, que, por serem fundamentais para a ética, só encontrarão ali seu desenvolvimento mais minucioso e conclusivo. Isso se dá também como uma forma de prenúncio e introdução às explicações que se completarão na etapa seguinte. Observamos claramente esse movimento em relação ao conceito de caráter, em evidência acima, assim como podemos encontrar também em relação aos aspectos morais da sua visão de mundo e ao conceito de “negação da vontade”.

Observa-se que na primeira das passagens acima, Schopenhauer evidencia a presença da noção de caráter como uma questão ética. Ele utiliza sua abordagem para exemplificar a categoria de sublime (*Erhabenen*). É caracterizada como sublime a descrição poética do caráter moralmente nobre. Ele nos diz que o estado de elevação (*Erhabenen*) do espírito e dos sentimentos produzido pela descrição de caráter nobre ou sublime pela poesia se dá pela evidência de que, na conduta dessa personagem (vista aqui como uma descrição perfeita de pessoas reais) prepondera a objetividade do conhecimento, em detrimento dos *motivos* recorrentes de quem se relaciona com o mundo e conhece as coisas sob o domínio de interesses pessoais e apetites. Dessa forma, os atrativos que ordinariamente iludiriam e atrairiam as pessoas comuns em direção à felicidade terrena, não fazem o mesmo efeito no caráter sublime, que permanece absolutamente indiferente diante deles.

Esses elementos nos mostram que, uma vez tendo tratado o conceito de caráter no âmbito estético, Schopenhauer constrói alguns suportes que permitem explorar de forma mais detalhada no campo de análise estritamente moral. Ou seja, ele tem a possibilidade de embasar sua análise nos fundamentos metafísicos já erigidos por ele nesse mesmo âmbito. Por exemplo: sua interpretação, que vê em Horácio de Shakespeare um modelo de caráter nobre, justifica-se pelo fato de

a conduta do personagem derivar de uma visão singular da realidade, a qual reconhece nas outras pessoas a sua mesma essência. Isso é o que determina sua postura nas relações intersubjetivas e sua posição diante da existência, os mesmos fundamentos que, por sua vez, definem pelas razões opostas o que caracteriza o caráter egoísta e moralmente inferior.

Todos esses aspectos da análise do caráter, mostram como Schopenhauer trabalha essa antecipação e esse possível jogo de esclarecimento mútuo nos âmbitos estético e ético. Um olhar atento para esse fato, nos possibilita um ganho para a compreensão do pensamento schopenhaueriano, uma vez que na leitura da estética, muitas vezes vemos ampliado o horizonte de interpretação da própria filosofia moral. De modo geral, podemos dizer que a compreensão de como a ontologia articula esses dois campos de reflexão em destaque aqui, nos ajuda ampliar em várias perspectivas a compreensão das questões propostas pelo filósofo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Todas as questões analisadas acima demonstram os elementos de uma profunda conexão entre a ética e a estética na filosofia de Schopenhauer. Assim como nos revela que essa relação pode ser interpretada pela preponderância da ética no seu sistema, o que nos indica a perspectiva em que devemos olhar para essa confluência de conceitos, ou seja, que há um interesse sobretudo de lançar luz de um lugar diferente para a discussão sobre a moralidade.

Portanto, a estética ou metafísica do belo, ao tratar de questões éticas, apresenta-se como uma forma privilegiada de conhecimento, que assume ao mesmo tempo um lugar destacado e estratégico na exposição schopenhaueriana, que é referida por ele como “a compreensão mais completa e pura de sua manifestação objetiva e exterior (da ‘essência íntima e última do fenômeno’)”(P/P, p. 48). Ou seja, uma visão privilegiada também das questões morais que nelas são abordadas.

Essas questões confirmam, portanto, que a articulação a qual nos referimos, juntamente com os esclarecimentos graduais de conceitos fundamentais, tornam claro o fato de que a metafísica do belo é, para Schopenhauer, a forma ideal de inteligência que nos conduziria da metafísica da natureza à metafísica dos costumes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOZA, Jair. *Infinitude subjetiva e estética: natureza e arte em Schelling e Schopenhauer*. São Paulo: Ed. Unesp, 2005.

BIRNBACHER, Dieter. Arthur Schopenhauer: vontade e negação do mundo, In: FLEISCHER, Margot; HENNIGFELD, Jochem (Orgs). *Filósofos do século XIX: uma introdução*. Tradução de Dankwart Bernsmüller. São Leopoldo: Editora UNISINOS, 2007.

CARTWRIGHT, David E. Schopenhauer's narrower sense of Morality. In: JANAWAY, Christopher (Ed.). *The Cambridge Companion to Schopenhauer*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

_____. *Historical Dictionary of Schopenhauer's Philosophy*. Oxford: Scarecrow Press, 2005.

DEBONA, Vilmar. *A outra face do pessimismo: entre a radicalidade ascética e sabedoria de vida*. Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em Filosofia. USP, 2013.

KOßLER, Matthias. Life is but a Mirror: on the connection between Ethics, Metaphysics and Character in Schopenhauer. In: NEILL, Alex; JANAWAY, Christopher (Ed.). *Better Consciousness: Schopenhauer's Philosophy of Value*. Oxford: Wiley-Blackwell, 2009.

MACHADO, Roberto. *O nascimento de trágico: de Schiller a Nietzsche*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

MAGEE, Bryan. *The philosophy of Schopenhauer*. Oxford: Oxford University Press, 1997.

MURDOCH, Iris. Schopenhauer. *Revista Voluntas: Estudos sobre Schopenhauer*, v. 4, n. 2, 2º semestre de 2013. (Tradução de Mônica Dalcol e Flávio Williges).

NABAIS, Nuno. *Metafísica do Trágico: estudos sobre Nietzsche*. Relógio d'Água: Lisboa, 1997.

PASTORE, Jassanan A. Dias. *O trágico: Schopenhauer e Freud*. São Paulo: Primavera Editorial, 2015.

PHILONENKO, Alexis. *Schopenhauer Una Filosofía de la Tragedia*. Tradução de Gemma Muñoz-Alonso López. Barcelona: Editora Anthropos, 1989.

SAFRANSKI, Rüdiger. *Schopenhauer e os anos mais selvagens da filosofia*. Trad. Willian Lagos. São Paulo: Geração editorial, 2011.

SCHOPENHAUER, Arthur. *Sämtliche Werke*. Textkritisch bearbeitet und herausgegeben von Wolfgang von Löhneysen. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1986.

_____. *Sobre o fundamento da Moral*. Tradução Maria Lúcia Oliveira Cacciola. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. *Metafísica do Belo*. Tradução, apresentação e notas de Jair Barboza. São Paulo: UNESP, 2003.

_____. *O mundo como vontade e como representação*. Tradução Jair Barboza. São Paulo: Unesp, 2005.

_____. *Sobre a filosofia e seu método*. Trad. Flamarion C. Ramos. São Paulo: Hedra, 2010.

_____. *Sobre a ética*. Trad. Flamarion C. Ramos. São Paulo: Hedra, 2012.

_____. *O mundo como vontade e como representação*. Segundo tomo: Suplementos. Tradução Jair Barboza. São Paulo: Unesp, 2015.

SHAPSHAY, Sandra. Poetic Intuition and the Bounds of Sense: Metaphor and Metonymy in Schopenhauer's Philosophy. In: NEILL, Alex; JANAWAY, Christopher (Orgs.). *Better Consciousness: Schopenhauer's Philosophy of Value*. Oxford: Wiley-Blackwell, 2009.

SPIERLING, Volker. *Arthur Schopenhauer*. Trad. José Antonio Molina Gómez. Barcelona, Espanha: Herder, 2010.

Recebido em: 01-08-2018

Aceito para publicação em: 02-11-18